

O QUE PODERÁ OCORRER NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2014?

Adriano Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
✉ adrianopolitica@uol.com.br

Resumo: *Este artigo tem os objetivos de desenvolver uma análise conjuntural e construir prognósticos para a eleição presidencial brasileira de 2014. Pesquisas de opinião e variadas informações são utilizadas para responder os objetivos. O artigo analisa, ainda, a indecisão do governador Eduardo Campos em disputar a eleição presidencial e mostra as razões para tal.*

Palavras-chave: *Eleições 2014, presidência, Eduardo Campos*

Abstract: *This article aims to develop a conjuntural analyses and construct prognostics for the 2014' brasilian presidential election. Opinion research and different kinds of informations are used to respond those objectives. The article analyses, yet, the indecision of the governor Eduardo Campos to run for the presidential election and also shows the reasons for that.*

Keywords: *2014' elections, presidency, Eduardo Campos*

Introdução:

Prognósticos sugerem possibilidades e cenários. Os prognósticos podem ser realizados com base nos seguintes indicadores:

- 1) Pesquisas de opinião – qualitativas e quantitativas.
- 2) Análise constante das conjunturas política, eleitoral e econômica. As pesquisas de opinião revelam valores e preferências dos eleitores. É possível

prognosticar o desempenho futuro dos competidores quando a intenção de voto é associada a outros indicadores (OLIVEIRA, ROMÃO, GADELHA, 2012).

A análise de conjuntura política e eleitoral representa o exercício para compreender as decisões dos atores e eleitores e suas consequências num dado instante temporal. As decisões dos atores na conjuntura T1 possibilitam o surgimento de outras conjunturas. Nesse sentido, a conjuntura T1 possibilita a origem da conjuntura T2 e ambas podem vir a possibilitar a origem das conjunturas T3, T4, dentre outras (CRUZ, 2000).

A análise da conjuntura econômica busca decifrar o sentimento de bem-estar econômico dos eleitores diante de dado contexto econômico. O ato de prognosticar está associado à construção de *possibilidades* e *cenários*. Possibilidade representa a criação de hipóteses quanto à possível decisão dos atores e como outros atores reagirão em razão da consequência de tal decisão.

Quais atores disputarão a eleição de 2014? Dilma Rousseff é favorita a vencer a disputa eleitoral em 2014? É possível que a eleição presidencial de 2014 finde no segundo turno? Quais devem ser as estratégias mais adequadas para os candidatos? Em quais possíveis conjunturas a próxima eleição presidencial será disputada? Este artigo pretende sugerir respostas a tais indagações por meio de prognósticos.

Quais serão os principais atores em 2014?

Os principais competidores na eleição presidencial de 2014 devem ser Dilma Rousseff, Aécio Neves, Marina Silva e Eduardo Campos. A ordem dos candidatos é estabelecida propositadamente, pois representa as chances deles virem a disputar a eleição presidencial. Dilma Rousseff será candidata à reeleição. Neste momento, não vejo possibilidade de que Lula venha substituir Dilma Rousseff na disputa. A possibilidade de desempenho negativo da

economia brasileira poderá afetar Dilma Rousseff e Lula. Portanto, Lula não arriscará seu patrimônio eleitoral numa eleição de sucesso incerto.

Pesquisa Datafolha divulgada em 9 de junho de 2013 mostrou que a gestão da Presidenta Dilma Rousseff era aprovada por 57% dos eleitores. Em março de 2013, pesquisa divulgada pelo Datafolha mostrou aprovação de 65%. No período de março a junho, ocorreu decréscimo na avaliação da Presidenta. Ambos os dados ainda não representam uma tendência. O percentual de intenções de voto em Dilma Rousseff na pesquisa divulgada em 9 de junho de 2013 era de 51%. No Instituto Sensus, em pesquisa divulgada em 11 de junho de 2013, as intenções de voto eram de 52,8%.

Ao assumir a Presidência Nacional do PSDB em maio de 2013 e ao adotar em seus discursos os temas inflação e eficiência da gestão, Aécio Neves evidencia que será candidato a presidente, mas ele tem dois desafios a superar. O primeiro desafio tende a ser superado,¹ conforme revelam pesquisas realizadas em junho de 2013 pelos Institutos Datafolha e Sensus. Essas pesquisas mostram o candidato do PSDB com 14% e 17% de intenções de voto respectivamente. Em ambos os institutos, Aécio Neves cresceu eleitoralmente quando se consideram pesquisas anteriores.

O segundo desafio de Aécio Neves é unir o PSDB. Existem o PSDB paulista e o mineiro, que travam intensa disputa política em razão da eleição presidencial. Os principais atores envolvidos nessa disputa são Geraldo Alckmin, José Serra, Fernando Henrique Cardoso e Aécio Neves. A ascensão de Aécio Neves à Presidência Nacional do PSDB sugere que os conflitos estão sendo dirimidos.

A possibilidade de sucesso eleitoral de Alckmin na disputa pelo governo de São Paulo, o qual foi apontado por recente pesquisa, sugere também que o

¹ Os conflitos internos no PSDB podem prejudicar Aécio Neves eleitoralmente.

governador de São Paulo tende a apoiar a candidatura de Aécio Neves.² Porém, é importante ressaltar que informações dão conta de que o PSB poderá ofertar a Alckmin o vice na próxima disputa para governador. Se assim ocorrer e Eduardo Campos vier a ser candidato a presidente, Alckmin poderá ter dois palanques em São Paulo, quais sejam: Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB).

A incógnita no PSDB de São Paulo neste momento é José Serra. O ex-candidato do PSDB à Presidência considera três possibilidades: 1) continuar filiado ao PSDB e apoiar Aécio Neves; 2) sair do PSDB, filiar-se ao Partido Popular Socialista (PPS) e disputar a eleição presidencial; 3) ir para o PPS e apoiar a candidatura de Eduardo Campos se este candidatar-se. Caso Serra opte pela primeira possibilidade, a candidatura de Aécio Neves poderá ser fortalecida.³

Marina Silva aguarda registro de seu novo partido – Rede Sustentabilidade. Caso ele seja reconhecido oficialmente pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a ex-candidata do PV à Presidência da República em 2010 deve vir a ser candidata na eleição presidencial de 2014. A estabilidade percentual de votos de Marina Silva entre os eleitores revela que seu capital eleitoral construído na eleição de 2010 ainda se mantém. Pesquisas realizadas em junho de 2013 pelos Institutos Datafolha e Sensus mostram Marina Silva com 16% e 12,5% de intenções de voto respectivamente.

O governador Eduardo Campos ainda não decidiu se será candidato à presidência, mas age como tal. Temos a hipótese de que o que impede o anúncio da sua decisão – se é ou não candidato – são as perdas eleitorais que podem ocorrer em Pernambuco, caso ele venha a se candidatar, e a contínua

² Pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha em 10 de junho de 2013 mostra que Alckmin obtém entre 50% e 52% de intenções de voto. Caso a disputa ocorresse contra o ex-presidente Lula, Alckmin obteria 42% e Lula 26%.

³ É possível que ocorra a fusão entre o Partido da Mobilização Nacional (PMN) e o PPS. Com isso, surgiria o Movimento Democrático (MD).

popularidade de Dilma Rousseff. Como candidato, há a possibilidade de Eduardo Campos perder o apoio de vários líderes políticos em Pernambuco, por exemplo, o Senador Armando Monteiro (PTB) e o Ministro da Integração Nacional Fernando Bezerra Coelho (PSB).

Diante da candidatura de Eduardo Campos à Presidência, um novo polo de poder pode ser criado em Pernambuco para enfrentá-lo. Esse polo pode vir a ser formado por líderes do PT, o Senador Armando Monteiro e o Ministro Fernando Bezerra Coelho. O polo contaria com o apoio de Dilma Rousseff e de Lula. Desse modo, o capital eleitoral de Eduardo Campos em Pernambuco ficaria ameaçado, também com a possibilidade de derrota do seu candidato ao governo do Estado e, em seu Estado natal, ser derrotado por Dilma Rousseff. Saliente-se, ainda, que os governadores do PSB relutam em apoiar Eduardo Campos para presidente.

A possibilidade de segundo turno e as estratégias dos candidatos

Pesquisa do Datafolha divulgada em 9 de junho de 2013 revelou que 39% dos eleitores acreditavam que a situação econômica do país iria melhorar, e a situação iria piorar para 19% dos eleitores. Essa pesquisa ainda revelou que 51% dos eleitores acreditavam que a inflação iria aumentar e 36% criam que o desemprego iria crescer. Em março de 2013, a expectativa era que a economia iria melhorar segundo 51% dos pesquisados, e para 10% iria piorar. Nesse primeiro semestre de 2013, o clima de pessimismo quanto ao futuro do bem-estar econômico aparenta ganhar adeptos entre os eleitores.

No início de junho de 2013, variadas manifestações populares explodiram em diversas cidades do Brasil, dentre elas, São Paulo, Brasília, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. O foco das manifestações foi o aumento da tarifa de transporte público – ônibus. Contudo, observa-se que as

manifestações têm variados focos, os quais sugerem *inquietação social* dos brasileiros com sua situação socioeconômica.

Temos a hipótese de que a inquietação social é provocada pela insatisfação com a expectativa inflacionária, a mobilidade urbana, a segurança pública, a saúde pública, os políticos e com os gastos públicos nos preparativos para a Copa do Mundo. Enfim, a insatisfação é com um *sistema de coisas*. Neste instante, a pergunta conjuntural é: quais serão os efeitos desses protestos na competição eleitoral de 2014?⁴

Diante da inquietação social, na qual também está presente o medo da perda do bem-estar econômico e do poder de consumo, os eleitores poderão reagir de duas formas: 1) reeleger Dilma Rousseff; 2) optar pela mudança. Assim, mesmo diante de uma conjuntura econômica desfavorável, Dilma Rousseff mantém seu favoritismo de vencer a eleição no primeiro turno, pois sua estratégia busca mostrar que ela e Lula são *os mais capazes de manter o Brasil no rumo do desenvolvimento e do consumo apesar das dificuldades*. Além disso, Dilma Rousseff, assim como fez Lula, continua a utilizar o sentimento de mobilidade social para manter e conquistar eleitores.⁵

Por outro lado, as manifestações ocorridas no mês de junho em razão da *inquietação social* sugerem que os eleitores desejam ir além do consumo. Eles possuem novas demandas e desejam ser atendidos. Se essa hipótese for verdadeira, somada a uma conjuntura econômica caracterizada pela crise, os competidores da oposição adquirem chances de ir para o segundo turno.

Pesquisa do Datafolha divulgada nos dias 29 e 30 de junho, após as manifestações sociais, revela que 30% dos brasileiros aprovam a gestão de Dilma Rousseff. Tal aprovação está associada à preferência do eleitor, ou seja:

⁴ Pesquisa realizada pelo IBOPE em oito capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza) e divulgada em 24/06/2013 revela que: 75% apoiam as manifestações; 38% afirmam que os manifestantes foram às ruas cobrar melhorias no transporte público; e 30% com o objetivo de condenar a corrupção.

⁵ Sobre mobilidade social e escolha eleitoral Cf. Peixoto e Rennó (2012).

30% dos eleitores desejam votar em Dilma Rousseff para presidente na eleição de 2014. A pesquisa revelou ainda que Marina Silva conquistou 23% de intenções de voto, Aécio Neves obteve 17% e Eduardo Campos conquistou 7% das intenções.

A estratégia de Aécio Neves, diante da inquietação social e com um quadro de expectativa de alta inflacionária por parte da população, poderá ser a de mostrar que foi o PSDB que acabou com a inflação e ele foi um dos participantes nessa conquista. Entretanto, Aécio Neves precisa aproximar-se das classes C e D, eleitores adeptos ao lulismo e à Dilma Rousseff, em particular na região Nordeste. O combate à inflação é uma estratégia adequada para isso.

Aécio Neves deve também se afastar do conflito bélico com o PT. Ou seja, de modo subliminar, deve mostrar que ocorreram transformações no Brasil nos últimos vinte anos, e ele pretende continuar a contribuir para esta transformação. Obviamente, as falhas do governo de Dilma Rousseff precisam ser apresentadas. O candidato do PSDB precisa também mostrar suas ações como gestor à frente do Governo do Estado de Minas Gerais.

A necessária estratégia de Eduardo Campos, neste instante, é dizer que é candidato, pois sua indecisão, aliada ao fato de que é pouco conhecido entre os eleitores brasileiros, dificulta a conquista de admiradores para sua candidatura. Inicialmente, Eduardo Campos utilizou a estratégia de que *é possível fazer mais*; mas Dilma Rousseff e Lula, em programa eleitoral na TV no mês de maio, frisaram: *“É possível fazer cada vez mais.”* A estratégia dilmista, caso Dilma Rousseff esteja bem avaliada em 2014, anula a estratégia de Eduardo Campos.

Até o momento, Marina Silva não mostrou sua estratégia. Se ela for candidata e mantiver seu capital eleitoral, que tem sido mostrado nas recentes pesquisas, contribuirá para que a disputa presidencial vá para o segundo turno. Convém

ressaltar que o atual capital eleitoral de Marina Silva dificulta a ascensão de Eduardo Campos e até mesmo de Aécio Neves. Neste momento, tenho a seguinte dúvida: qual dos três candidatos – Aécio Neves, Marina Silva e Eduardo Campos – tem mais chance de disputar o segundo turno com Dilma Rousseff caso este venha a ocorrer?

Existe, neste instante, a possibilidade de que o pastor Everaldo Pereira venha a ser candidato a presidente da República pelo Partido Social Cristão (PSC). Sua candidatura possibilitará que temas morais como aborto e união homossexual estejam presentes na disputa eleitoral. Assim, é possível que o PSC, em razão dos votos conquistados, contribua para que a eleição seja levada para o segundo turno.

Dilma Rousseff mantém um frágil favoritismo para vencer no primeiro turno em 2014 em razão das seguintes possibilidades: 1) conjuntura econômica desfavorável; 2) Aécio Neves, Marina Silva, pastor Everaldo e Eduardo Campos candidatos a presidente; 3) as recentes inquietações sociais podem criar sentimento de mudança no eleitorado. E com isto, Dilma Rousseff pode ser atingida eleitoralmente por tal sentimento.

Referências

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. Teoria e método na análise de conjuntura. *Educação e Sociedade*, ano 21, n. 72, p. 145-152, ago. 2000.

OLIVEIRA, Adriano; ROMÃO, Maurício Costa; GADELHA, Carlos. *Eleições e pesquisas eleitorais: desvendando a caixa-preta*. Curitiba: Juruá, 2012.

PEIXOTO, Vitor; RENNÓ, Lúcio. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. *Opinião Pública*, v. 17, n. 2, nov. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762011000200002>>. Acesso em: 6 fev. 2012.